

ENTREVISTA

Breno Altman

A queda do Muro de Berlim, 20 anos depois

O ano de 2009 marca os 20 anos da queda do Muro de Berlim. Também assinala outros episódios da história da esquerda mundial, como o assassinato de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, a fundação da Internacional Comunista e a Comuna das Astúrias. Nenhum desses fatos, porém, teve tanta repercussão na grande imprensa mundial como a queda da barreira que separava a Alemanha Oriental da Ocidental, ocorrida no dia 9 de novembro de 1989. Enquanto o Muro de Berlim desmoronava, os defensores do capitalismo comemoravam, na época, o que chamavam da “derrota do comunismo”. Vinte anos depois o capitalismo

entrou em colapso, com a maior e mais severa crise do sistema, desde o crash de 1929. Breno Altman, jornalista, atual diretor de redação do site Opera Mundi, que teve passagem por publicações alternativas como a revista Atenção e Reportagem, escreveu diversos artigos sobre a queda do Muro. Entre eles, dois para o site da Carta Maior, que tiveram grande repercussão. Neles, critica a posição da mídia, de intelectuais e formadores de opinião na abordagem do tema e garante que o socialismo não acabou. Altman concedeu entrevista exclusiva, por telefone, para o João de Barro.

João de Barro - O senhor é autor de alguns artigos sobre os 20 anos da queda do muro de Berlim. Na opinião do senhor, a queda do Muro de Berlim, que abriu o caminho para a reunificação alemã e foi formalmente celebrada no dia 3 de outubro de 1990, representou de fato o fim da Guerra Fria e a derrota do socialismo no mundo?

Breno Altman – Não, de forma alguma. O socialismo como modelo não terminou. A chamada Guerra Fria, esta de fato podemos dizer que sim. A queda do muro marcou o fim do embate e da polarização entre os sistemas capitalista e socialista. O socialismo, representado pela União Soviética, e o capitalismo, representado pelos Estados Unidos. Realmente, esse período histórico, que chamamos de Guerra Fria, chegou ao fim com a queda do Muro e também em função do colapso da União Soviética. Mas isso não significa, em hipótese alguma, que o socialismo como sistema ou conjunto de idéias tenha deixado de existir, tenha sido banido do planeta. Dizer que o socialismo acabou significa excluir da história países de muita relevância como, por exemplo, a China. Entendo que as idéias socialistas continuam muito vivas.

João de Barro - O senhor faz uma crítica à forma como a mídia trata, ainda hoje, o tema da queda do Muro e afirma que existem fatos que há muito foram subtraídos da informação cotidiana. Qual a explicação para esta visão unilateral adotada pela mídia e a partir de quais interesses elas são propagadas?

Breno Altman – A partir dos interesses dos grandes barões da mídia planetária e que obedecem logicamente aos interesses do mundo capitalista. Realmente afirmo em um dos meus artigos que a queda do Muro de Berlim costuma ser apresentada, pelos campeões da liberdade, como produto de um sistema político tirânico, cuja natureza seria a divisão dos povos e sua subordinação ao tacape de uma ideologia totalitária. Do



Foto: Arquivo pessoal

Altman: “Em hipótese alguma, o socialismo como idéia foi banido do planeta”

ponto de vista ideológico os proprietários dos grandes veículos de comunicação agiram e continuam agindo de forma planejada e consciente, no sentido de desconstituir o socialismo como projeto ou modelo político. Estabeleceram e ainda estabelecem formas de propaganda e constituíram uma rede de informações para caracterizar o regime socialista como símbolo de um sistema fracassado. O Muro de Berlim foi tratado como a representação de todo o mal existente e possível no planeta.

João de Barro - Na sua opinião, faltou espírito crítico para uma parcela significativa da esquerda, que aderiu ao discurso em relação à queda do Muro e da conseqüente derrota do socialismo?

Breno Altman – O que aconteceu e acontece é que todas as derrotas acabam provocando um complexo de inferioridade e um certo apequenamento dos derrotados. Uma parcela significativa de políticos e intelectuais passou a

considerar que tudo que havia sido feito em relação a experiência socialista estava errado e que a queda do Muro de fato representava o fracasso deste modelo. Portanto, a razão estava toda ao lado dos vitoriosos. Para importantes setores de esquerda era hora de se afastar definitivamente de qualquer vínculo com a primeira experiência socialista e buscar espaço no admirável mundo novo que se anunciava. Muitas vezes às custas de renegar sua própria história.

João de Barro - O senhor questiona a autoridade dos EUA para falar do Muro de Berlim, lembrando que aquele país é o responsável pelo muro da morte que separa seu território dos aliados mexicanos, matando por ano muito mais do que nas décadas em que Berlim esteve dividida. Poderia falar um pouco mais sobre isso?

Breno Altman – Para se fazer uma análise adequada sobre a queda do Muro é importante situar esta discussão em um

terreno político histórico. No entanto, essa crítica moral é feita por personagens que não tem moral alguma para fazê-las. Basta lembrarmos que o número de mortos de mexicanos que tentam ultrapassar a fronteira dos Estados Unidos é absurdamente superior ao número de mortos em função da tentativa de passar da Alemanha Oriental para a Ocidental.

João de Barro - É possível analisarmos outros muros, além destes citados pelo senhor. Muros, assim por dizer, invisíveis. A miséria, a fome, a discriminação não poderiam ser exemplos de barreiras?

Breno Altman – Podemos dizer que com a queda do Muro de Berlim as desigualdades aumentaram em todo o mundo e de forma assustadora, principalmente nos países que pertenciam à União Soviética. Podemos afirmar que a queda do Muro de Berlim deu lugar a outros muros que segregam a partir da concentração de renda, da fome da miséria. Se excluirmos a China, em função do seu rápido crescimento econômico, o mundo está muito mais pobre, desde 1989. Então podemos dizer que estes muros aparentemente invisíveis geram pobreza e miséria e são muito mais perversos do que o Muro de Berlim.

João de Barro - Qual a sua opinião sobre a América Latina e a eleição de vários governos de esquerda?

Se analisarmos os últimos seis anos, podemos afirmar que a América Latina deu uma guinada à esquerda, com as eleições de Hugo Chaves, na Venezuela, de Lula, no Brasil, de Evo Morales, na Bolívia, e em outros países como Equador, Paraguai, Uruguai. No entanto, é preciso observar que existe, em contrapartida, um avanço da resistência das chamadas forças conservadoras que controlam o Panamá, Colômbia, Peru e que recentemente promoveram um golpe em Honduras, com apoio dos Estados Unidos. Portanto, estamos diante de um cenário promissor, porém delicado.